



Veredas atemática

Volume 18 nº 2 – 2014

Linguística Cognitiva e Estudos da Tradução: a questão da significação

Sandra Aparecida Faria de Almeida (UFJF)

RESUMO: A partir de um breve percurso entre as abordagens linguísticas contemporâneas, este artigo tem por objetivo estabelecer um ponto de convergência entre a Linguística Cognitiva (FAUCONNIER, 1994, 1997; FAUCONNIER; SWEETSER, 1996; FAUCONNIER; TURNER, 1996; LANGACKER, 1987,1990, 1991, 2008; TALMY, [1988] 2006) e os Estudos da Tradução (HOLMES, [1972] 2000; BASSNETT, [1980] 2002; TABAKOWSKA, 1996). Com base na contribuição de Snell-Hornby (1995) através de sua abordagem integrada para os estudos tradutórios, colocam-se em relevo alguns conceitos comuns às áreas e adota-se uma breve análise de estudo de caso tendo como foco a noção de perspectiva (SNELL-HORNBY, 1995; LANGACKER, 1987,1990). A partir de um estudo de caso baseado em um experimento de tradução, postulou-se o uso de construções léxico-sintáticas distintas na (re)construção dos enunciados com base no conceito de perspectiva, atrelado à noção de (inter)subjetividade LANGACKER, 1990; NUYTS, 2001; TRAUGOTT; DASHER, [1987] 2005; VERHAGEN, 2005). Os resultados mostraram-se inconclusivos para as ferramentas automáticas, mas exibiram importantes congruências com achados de pesquisas anteriores no que diz respeito à tradução humana.

Palavras-chave: Linguística Cognitiva; Estudos da Tradução; significação; abordagem integrada; perspectiva.

Introdução

Os estudos que envolvem a linguagem sempre primaram, em sua grande parte, por análises de cunho objetivista que buscavam se valer de regras e princípios para explicar a língua e o seu uso por parte dos falantes, atribuindo pouca ou nenhuma parcela de responsabilidade ao sujeito usuário dessa língua na significação ou elaboração de

significados. A estrita e inflexível relação entre forma e sentido por muito tempo reverberou entre pensadores e estudiosos da linguagem, relegando o significado a um nível de análise hierarquicamente subordinado à estrutura formal.

Ao longo das últimas décadas, as correntes linguísticas ditas formalistas (cf. KENEDY; MARTELLOTTA, 2003), sejam elas de cunho estruturalista ou gerativista, detiveram-se em uma visão bipolarizada da língua como sendo constituída de dois mecanismos básicos: *langue* e *parole* (SAUSSURE, [1916] 2006) ou competência e desempenho (CHOMSKY, 1965). Em ambas as abordagens, o primeiro conceito estaria relacionado à capacidade ou conhecimento da língua enquanto sistema por parte do sujeito e o segundo seria direcionado ao uso que o falante faz dessa língua. No entanto, conforme amplamente atesta a literatura na área, boa parte das análises linguísticas foi dedicada ao componente da língua enquanto sistema de regras e muito pouco ao uso que os falantes efetivamente fazem desse sistema.

No que tange à tradução, as teorias linguísticas formalistas que prestaram suporte à teoria da tradução materializaram a dicotomia entre forma e sentido, representada na obra saussuriana através do conceito binário de signo linguístico, mas também entre sistema linguístico e uso, na polaridade dos conceitos de *langue* e *parole*. Posteriormente, Chomsky dá continuidade a essa visão dicotômica de língua ao preconizar uma estrutura profunda e uma estrutura superficial para a gramática. A polarização entre competência e desempenho, mais uma vez, cria uma relação de dualidade entre sistema e uso. Assim, a dicotomia inerente à própria tradução, se fiel ou livre, reproduz(iu) as dicotomias inerentes às próprias correntes linguísticas contemporâneas que a norteavam, ora priorizando-se a forma, ora priorizando-se o sentido. Em seus modelos de tradução, diferentes teóricos assumiram o processo de traduzir de forma polarizada, transitando entre procedimentos de tradução mais fiéis ao texto de partida ou procedimentos mais livres e mais pautados no sentido ou mensagem do texto na língua de chegada (cf. VINAY; DARBELNET, [1958] 1977; NIDA, 1964; NIDA; TABER, 1974; CATFORD, [1965] 1980; VÁZQUEZ-AYORA, 1977; NEWMARK, 1981, 1988).

Análises mais contemporâneas, porém, tomadas em uma perspectiva funcionalista, buscam encarar a linguagem como um construto de um sujeito social e histórico. Elementos até então ignorados na análise linguística, como situação comunicativa, interlocutores, objetivos comunicativos, entre outros aspectos da comunicação humana, passam a ser explorados nas análises linguísticas que discutem a questão do significado. O sistema linguístico em si, embora de inegável proeminência, começa a ser analisado face a outros sistemas cognitivos, com os quais interage, possibilitando tratar o significado como uma construção para e pelo sujeito cognitivo.

Dentro desse contexto, este trabalho se insere dentro de uma moldura cognitivista e tem por objetivo estabelecer pontos de contato entre a Linguística Cognitiva (LC) e os Estudos da Tradução (ET) em especial face a abordagens que coloquem em relevo alguns construtos comuns às duas áreas. Nesse sentido, a proposta de Snell-Hornby (1995) ganha destaque por eleger alguns conceitos a partir de uma visão cognitivista sobre o processo tradutório, dentro os quais abordaremos a prototipicidade, a dimensão, a perspectiva e a semântica de cenas e *frames*.

A partir desse enquadre teórico, apresentaremos um estudo de caso que se pauta especificamente na noção de perspectiva, defendida tanto por Snell-Hornby (1995) quanto por Langacker (1987, 1990). Com base em um experimento que contrasta tradução automática e

humana, busca-se verificar a capacidade de o sujeito (re)construir um conjunto de construções sintáticas na tradução a partir da noção discursiva de perspectiva. Tal experimento visa contribuir para o entendimento do fazer tradutório por parte do tradutor e para postular para este o papel de sujeito conceptualizador, capaz de (re)construir sentidos no processo tradutório.

1. O lugar do sentido em abordagens linguísticas contemporâneas e nos Estudos da Tradução

A abordagem linguística no século XIX, de cunho histórico-comparativo, já carregava em seu cerne o senso de que a língua é um sistema autônomo, no sentido de que concebia as línguas humanas como totalidades organizadas, que deveriam ser tratadas em si mesmas e por si mesmas.

Apesar da clássica distinção entre a abordagem linguística diacrônica do século XIX e a abordagem sincrônica defendida por Saussure ([1916] 2006), já no século XX, a concepção de língua enquanto sistema foi de certa forma “herdada” do século anterior, na medida em que a língua é encarada como um sistema de relações imanentes, em que um determinado elemento tem uma relação de sentido com os demais, sintagmática ou paradigmaticamente. A contribuição de Saussure é entender a linguagem enquanto sistema de signos arbitrários e convencionais, em uma relação binária e indissociável entre significante e significado independentes de elementos externos à sua estrutura ou forma, tomada em sentido mais amplo.

Chomsky (1965), assim como Saussure, trilhou um percurso formalista na análise da linguagem, desenhando dicotomia similar à de Saussure. De forma semelhante aos estruturalistas, os gerativistas chomskianos se ativeram excessivamente à estrutura da língua, atribuindo ao componente da sintaxe uma centralidade e uma independência e/ou autonomia quanto aos demais módulos (o léxico, a fonologia, a semântica) no seu modelo de gramática modular.

Conforme observa Snell-Hornby (1995) no campo da tradução, Eugene Nida foi o teórico que mais sofreu a influência dicotômica que reverberou nos estudos ditos formalistas, tanto sob a perspectiva saussuriana - em termos de forma e substância - quanto chomskiana - em termos de estrutura profunda e superficial. Gentzler (2009), por sua vez, observa que Nida(1964) procurou aplicar esses dois últimos conceitos à tradução dos textos bíblicos, quando postulou a busca de uma equivalência entre duas línguas, no sentido de que a mensagem, o cerne, a estrutura profunda poderia ser “reproduzida” em outra língua de outra forma, equivalente, respeitada a “mensagem” e flexibilizado o apego à forma linguística. Nida atentou, assim, para a possibilidade de se criar uma equivalência entre a LP (língua de partida) e a LT (língua da tradução), baseando-se em dois conceitos básicos: a equivalência formal, aquela em que a tradução foca apenas a transferência da mensagem, e a equivalência dinâmica, que foca a produção de efeito equivalente da mensagem sobre o receptor. A primeira se constituía em uma maior preocupação com a forma, em detrimento do significado. A segunda, por sua vez, priorizava o sentido, o significado ou a mensagem em si.

Paralelamente à abordagem linguística formalista do gerativismo, temos alguns desenvolvimentos de cunho funcionalista que, por sua vez, derivaram uma série de

abordagens que visavam a, essencialmente, considerar elementos até então ignorados pelas abordagens anteriores no estudo da linguagem e da significação. A vertente funcionalista se distinguiu das vertentes formalistas anteriores por dois aspectos inovadores nas análises linguísticas: os parâmetros pragmáticos e discursivos. Partindo do princípio geral de que a linguagem busca se adequar à sua função comunicativa, diferentes teóricos contribuíram com análises que consideram o uso da língua como instrumento de significação e de criação de sentido na comunicação. É nesse sentido que Cunha observa:

Diferentemente das teorias formais, o funcionalismo pretende explicar a língua com base no contexto linguístico e na situação extralinguística. De acordo com essa concepção, a sintaxe é uma estrutura em constante mutação em consequência das vicissitudes do discurso, ao qual se molda. Ou seja, há uma forte vinculação entre discurso e gramática: a sintaxe tem a forma que tem em razão das estratégias de organização da informação empregadas pelos falantes no momento da interação discursiva. (CUNHA, 2008, p.163)

Os estudos funcionalistas sobre a tradução, cujos expoentes são Hönl, Kussmaul, Reiss e Vermeer e Holz-Mäntari, advogam uma agenda para a tradução pautada na funcionalidade, isto é, na função que o texto deve desempenhar na língua da tradução (LT), mais do que em critérios prescritivos que resultem em uma tradução “fiel” ao texto da língua de partida (LP). Nesse sentido, postula-se uma tensão dinâmica natural entre forma e função, que pode resultar em um texto cujo foco seja a cultura de chegada ou a de partida. Tal escolha dependerá da variação quanto ao tipo de texto, estilo e restrições de natureza não linguística.

A perspectiva interacional e discursiva da Linguística Funcional, por sua vez, abriu caminho para diferentes vertentes dentro das abordagens ditas funcionalistas. A Sociolinguística, a Pragmática, a Análise da Conversação e a Análise do Discurso são algumas das linhas de pesquisa que têm em seu cerne a premissa da língua como instrumento social de interação. Morato (2004) observa que

[...] podem ser considerados interacionistas aqueles domínios da Linguística - como a Sociolinguística, a Pragmática, a Psicolinguística, a Semântica Enunciativa, a Análise da Conversação, a Linguística Textual, a Análise do Discurso - que se pautam por uma posição externalista a respeito da linguagem, isto é, que se interessam não apenas ou tão somente pelo tipo de sistema que ela é, mas pelo modo através do qual ela se relaciona com seus exteriores teóricos, com o mundo externo, com as condições múltiplas e heterogêneas de sua constituição e funcionamento. (MORATO, 2004, p.312)

O que distingue essas diferentes vertentes é essencialmente o conceito de interação inerente a elas, que pode se relacionar a (i) uma ação conjunta, interpessoal, entre sujeitos, em um viés psicológico e pragmático, ou (ii) discurso ou enunciação determinado pela situação sócio histórica de produção de enunciados e pelos gêneros que circulam nesse meio social. Nesse sentido, a interação pode ser vista como constitutiva do processo de significação ou como explicativa para o processo.

2. O sentido como construção: o diálogo entre a Linguística Cognitiva e Estudos da Tradução

Assim como a Linguística traçou um percurso entre formalismos e funcionalismos, também os Estudos da Tradução (cf. HOLMES, [1972] 2000; BASSNETT, [1980] 2002; TOURY, 1980; HERMANS, 1985; SNELL-HORNBY, 1988, 1995; EVEN-ZOHAR, 1990; LEFEVÉRE, 1992; TABAKOWSKA, 1996) percorreram um longo caminho entre abordagens prescritivas, orientadas à fidelidade à obra original, e abordagens descritivas da tradução, pautadas na função e recepção dos textos na língua de chegada. Em diferentes momentos ao longo da história, buscou-se mesmo o apoio de teorias linguísticas para ditar ou explicar o fazer tradutório. No entanto, conforme reconhecem vários estudiosos da área, (cf. (HOLMES, [1972] 2000; BASSNETT, [1980] 2002; SNELL-HORNBY, 1988, 1995; TABAKOWSKA, 1996), nenhuma teoria linguística até o presente momento se provou totalmente satisfatória para lidar com as especificidades da tradução.

Holmes ([1972] 2000) foi um dos primeiros a advogar para os Estudos da Tradução um lugar próprio, que não fosse subordinado a ou derivado de outras áreas afins, como a linguística, a filosofia ou os estudos literários, ou mesmo de outras áreas de conhecimento, como a matemática ou a lógica. Após delinear o escopo da área em termos de Estudos Puros e Aplicados, ele reconhece nos Estudos da Tradução três principais vertentes que, a seu ver, mantêm uma relação dialética entre si, na medida em que se nutrem umas das outras e contribuem para o avanço no campo dos Estudos da Tradução. Em suas palavras:

A Teoria da Tradução, por exemplo, não pode se privar dos dados sólidos e específicos produzidos pela pesquisa nos Estudos Descritivos e Aplicados, enquanto, por outro lado, não se pode começar o trabalho em um desses campos sem se ter pelo menos uma hipótese teórica como ponto de partida. (HOLMES, 1972/2000, p. 190)

Holmes amplia essa visão quando admite que no campo dos Estudos Puros, os Estudos da Tradução em uma perspectiva teórica devem utilizar os resultados dos Estudos Descritivos da Tradução (DTS), combinados aos estudos de outros campos e áreas afins, para elaborar princípios, teorias e modelos que irão servir para explicar e prever o ato de traduzir e o seu produto, as traduções. Nesse sentido, Holmes sinaliza a possibilidade de diálogo com outras áreas de conhecimento que expliquem e antecipem os fenômenos concernentes à tradução.

Dentro dessa perspectiva, a Linguística Cognitiva (FAUCONNIER, 1994, 1997; LANGACKER, 1987, 1990, 1991, 2008; SWEETSER, 1990, 1996; TALMY, 1988; TURNER, 1991), reafirma-se como uma abordagem de cunho funcionalista e interacionista ao considerar, como objeto de análise, a língua em suas situações reais de uso por parte dos falantes na interação. Nesse sentido, ela pode contribuir para a compreensão do papel do uso social da linguagem na construção do conhecimento, como veremos a seguir.

Do ponto de vista da cognição, a Linguística Cognitiva (LC) desafia, em sua gênese, alguns dos principais argumentos da Linguística Gerativa, como a modularidade da linguagem e a autonomia da sintaxe. Como observa Ferrari (2011), na abordagem gerativista, o módulo cognitivo da linguagem é visto como independente dos demais módulos cognitivos,

reivindicando-se a primazia do módulo sintático sobre os demais. A vertente cognitivista, diferentemente, reconhece princípios cognitivos gerais que operam através da linguagem e de outras capacidades cognitivas, defendendo a interação entre os diferentes módulos da linguagem, bem como a integração entre estrutura linguística e estrutura conceptual. A relação entre língua e mundo é intermediada pela cognição que, através do que é apreendido e experienciado, confere ao significado um status dinâmico de construção por parte do sujeito cognitivo.

Mais recentemente, Tabakowska (1996) reconheceu a Linguística Cognitiva, dentre as diferentes abordagens linguísticas, como sendo a vertente que mais afinidades guarda com os Estudos da Tradução (ET). Ela argumenta que:

Fundamentalmente, tanto a LC quanto os ET assumem que o significado “não está situado no texto”, mas é gradualmente negociado de acordo com que o discurso se desenvolve. Assim, ao produzir seus textos traduzidos (TT), os tradutores permitem que o significado se desenvolva e emerja no processo, como o fazem todos os demais falantes da língua no processo dinâmico de seu uso. (TABAKOWSKA, 1996, p.84-85)

Em seu capítulo sobre a importância da linguística para a tradução, Tabakowska defende que a teoria linguística de tradução seja embasada em teoria cognitivista da linguagem, por entender que ambas lidam com a questão da equivalência ou não de imagens. Além disso, agrega-se o fato de o modelo cognitivista incorporar aspectos linguísticos que sempre frustraram os teóricos de tradução de base linguística, como o caráter subjetivista do significado, a não-dicotomia entre forma e sentido, a onipresença da metáfora, e os conceitos vagos de sinonímia e homonímia, entre outros.

Snell-Hornby (1995), por sua vez, reconhece, especificamente nos estudos no campo da Psicologia sobre categorização e protótipos com Eleanor Rosch e no campo da Linguística sobre categorização e modelos cognitivos com George Lakoff, importantes contribuições para se advogar uma nova abordagem para os Estudos da Tradução. Com base no princípio holístico de “gestalt”, em que o todo é mais que a mera soma das partes e que a mera soma das partes não permite necessariamente a compreensão do todo, ela propõe uma abordagem integrada para a área. Nesse sentido, a língua não é vista como uma parte isolada de seu todo que é o mundo, ou, em outras palavras, a parte linguística não pode ser dissociada da realidade extralinguística que a envolve.

A abordagem defendida por Snell-Hornbyse apoia, em uma primeira instância, como já dissemos, nos estudos funcionalistas sobre a tradução (cf. HÖNIG; KUSSMAUL, 1982, HONIG, 1986, KUSSMAUL, 1986, REISS; VERMEER, 1984 e HOLZ-MÄNTARI, 1984, 1986). As principais premissas que permeiam esses estudos são a focalização dos aspectos culturais do texto em vez de uma transferência meramente linguística; a visão da tradução como um ato comunicativo e não como um processo de transcodificação; o direcionamento para a função do texto traduzido em vez da fidelidade às prescrições do texto original; e, por fim, a concepção de texto como parte integrante do mundo.

Ao conceber a língua e, por extensão, o seu uso como parte de um todo que é a realidade extralinguística, a abordagem integradade Snell-Hornby se comunica com a vertente linguística cognitivista. No campo da Linguística Cognitiva, Geeraerts (2006) reafirma a hipótese central da vertente que concebe a linguagem como instrumento de organização,

processamento e transmissão de informação de natureza pragmático-semântica, refutando, assim, a hipótese de um sistema autônomo. Ele defende que as construções gramaticais compartilham características que favorecem sua interpretação e reinterpretação em diferentes espaços e momentos sócio históricos, pois são essencialmente: (i) perspectivantes, (ii) dinâmicas e flexíveis, (iii) não-autônomas e (iv) de base experiencial.

O caráter discursivo-pragmático da abordagem cognitivista para os fenômenos da linguagem, aliado à base conceptual advogada para a língua que, por sua vez, remete ao universo sociocultural que a modela, nos permite refletir sobre a relação entre Linguística Cognitiva (LC) e Estudos da Tradução (ET), buscando estabelecer um diálogo entre as duas áreas que, a nosso ver, compartilham importantes premissas. Para estabelecer a relação entre linguística e tradução, Snell-Hornby (1995) elege alguns conceitos a partir de uma visão cognitivista, dentro os quais abordaremos a prototipicidade, a dimensão, a perspectiva e a semântica de cenas e *frames*.

Com relação à prototipicidade, Snell-Hornby menciona o estudo sobre cores realizado por Eleanor Rosch (1973), que contribuiu para a formulação de uma teoria de categorização baseada em protótipos, segundo a qual os seres (e as coisas) categorizam-se na forma de protótipos, com um foco ou núcleo cuja nitidez vai-se perdendo ao se aproximar das bordas. Por exemplo, existem aves que são mais prototípicas, pois exibem mais características de aves: possuem penas, bico, asas, e podem voar. Mas o que dizer de outras aves, menos prototípicas, que deixam de exibir uma ou mais dessas características, como o avestruz, que não voa ou o pinguim, que não tem penas ou asas e não voa? Existe, então, um modelo central, mais prototípico, ao redor do qual outros modelos, menos prototípicos, se organizam de forma radial.

Snell-Hornby vislumbra a contribuição que tal estudo pode trazer, por exemplo, para os estudos lexicográficos em tradução, visto que as nuances de significado, tão bem capturadas pela teoria dos protótipos, perdem sua força na dicionarização e consequente linearização dos termos. Além disso, ela discute a relação do conceito de prototipicidade com o de tipologia textual, como proposto por Reiss e Vermeer (1984), na medida em que os textos podem apresentar características textuais mais prototipicamente expressivas, informativas ou operativas. No uso real da língua, os textos podem não apresentar categorias textuais tão claras e distintas, mas, em vez disso, características mais ou menos prototípicas de um determinado tipo textual.

No que diz respeito à noção de dimensão, a autora se detém nos aspectos internos à língua, já que a define como “a orientação linguística expressa em itens lexicais, recursos estilísticos e estruturas sintáticas” (p.51). Segundo essa visão, a multidimensionalidade evocada por uma expressão linguística pode se constituir em um problema para a tradução, pois envolve a interação entre sintaxe, semântica e pragmática, como no caso das metáforas e dos trocadilhos. Nesse campo, conforme apontado no item anterior, a Linguística Cognitiva oferece um tratamento satisfatório para tais expressões, pois reconhece a linguagem como sendo constitutiva de redes conceptuais que possibilitam estabelecer relações entre domínios cognitivos distintos, favorecendo a significação/interpretação das expressões linguísticas em sua multidimensionalidade.

O exemplo oferecido por Snell-Hornby (1995) nesse aspecto recai sobre a tradução de expressões idiomáticas, como no caso da expressão em espanhol “*mente más que el gobierno*” (“mente mais que o governo”). Em uma tradução para o alemão, ela se tornaria “er

lugt allzuviel” (“ele mente com frequência”) em um texto informativo, enquanto que em um texto expressivo ela se traduziria em “er lugt wie geddruck” (“ele mente como um louco”). Assim, a variabilidade nas traduções estaria atrelada, segundo Reiss (1971), à tipologia do texto.

No tocante ao conceito de perspectiva, Snell-Hornby observa que ele diz respeito à relação do texto com fatores externos, sejam eles sociais ou culturais. Trata-se do “ponto de vista do falante, narrador ou leitor em termos de cultura, atitude, tempo e espaço” (p. 51), que muda, por exemplo, na paródia ou na sátira e invariavelmente na tradução. Em termos de linguagem, as análises cognitivistas apontam para processos de perspectivização na atribuição de significado de estruturas linguísticas, argumentando que o significado é construído segundo uma determinada perspectiva.

A Semântica de Cenas e *Frames*, por sua vez, originalmente desenvolvida por Fillmore (1977), defende que o significado de um elemento gramatical ou expressão linguística está condicionado ao conhecimento enciclopédico relacionado àquela palavra. No caso do verbo “*tosell*” (“*vender*”), por exemplo, juntamente com a palavra é ativado um modelo conceptual de comercialização de produto, que imediatamente ativa elementos como vendedor, comprador, produto, preço, condições de pagamento e assim por diante. Os elementos participantes desse modelo são os componentes deste *frame* de cena comercial, com papéis semânticos delineados para cada um dos participantes da cena.

No caso dos Estudos da Tradução, o conceito de *frame* ganha especial relevância, pois possibilita uma releitura do conceito de equivalência, que predominou entre a maior parte das teorias de tradução orientadas pela linguística, sempre em um viés dicotômico, como já apontado anteriormente. Conforme observa Snell-Hornby (1995), a equivalência nada mais seria do que uma mera ativação de *frames* entre língua de partida (LP) e língua da tradução (LT), remetendo, dessa forma, ao aspecto conceptual e interacional do processo e não apenas formal.

Nesse sentido, a abordagem tradutória de Snell-Hornby encontra eco na abordagem linguística cognitivista na medida em que

A tradução é um ato de comunicação complexo, no qual o autor na LP, o leitor como tradutor, o tradutor como autor e o leitor na LT interagem. O tradutor inicia a partir de um *frame* disponível (o texto e seus componentes); este foi produzido por um autor que se apoiou em seu próprio repertório de cenas parcialmente prototípicas. Com base no *frame* do texto, o tradutor-leitor constrói suas próprias cenas, dependendo de seu próprio nível de experiência e seu conhecimento internalizado do material em questão (SNELL-HORNBY, 1995, p. 81)

Assim, a abordagem da Semântica de Cenas e *Frames* estabelece um princípio holístico de inter-relação entre os elementos textuais, a experiência, a percepção e o contexto situacional, o que para Snell-Hornby é um importante ponto de partida para os Estudos da Tradução em sua abordagem integrada.

Os conceitos linguísticos apresentados aqui exibem relevo expressivo para os Estudos da Tradução, na medida em que o processo tradutório, em seu viés sociocultural, se revela um processo multifacetado, em que diferentes variáveis concorrem para que a produção de sentido possa ser alcançada.

A seguir, discutiremos um estudo de caso com base na noção de perspectiva, procurando mostrar como o sentido é (re)construído no processo de tradução e como autor, tradutor e leitor interagem no processo de conceptualização de eventos de fala, captando sentidos discursivo-pragmáticos implícitos às estruturas linguísticas.

3. O caso das construções completivas epistêmicas

Nesta seção, interessa-nos abordar mais especificamente o conceito de perspectiva e sua aplicabilidade em um estudo de caso que integra as visões de ambas as áreas de estudo aqui delineadas, quais sejam, os Estudos da Tradução e a Linguística Cognitiva, na tradução para o português de construções completivas epistêmicas instanciadas pelo verbo “to think”, em inglês. Tais construções se instanciam em exemplos como:

(1) As to whether the current situation constitutes a crisis, he[Bush] said, “You can call it whatever you want to call it, whatever adjective you want to describe the problem. I *think* it’s real, I *think* it’s fundamental, I *think* we have an obligation...”

(2) Josef Xercavins: If we talk about the UN reform, we are producing some feeling of weakness of UN, and I *think that* our goal should be to strengthen the UN.

Com base nos pressupostos teóricos da Linguística Cognitiva e mais especificamente da Gramática de Construções (GOLDBERG, 1995, 2006; ALMEIDA, 2010) analisa as construções completivas epistêmicas do inglês, contrastando as construções [SN VEpist [that S]] e [SN VEpist [Ø S]] e argumentando que essas duas construções, sintaticamente distintas e semanticamente sinônimas, são pragmaticamente diferentes entre si na medida em que atendem a objetivos discursivo-pragmáticos distintos. Tal hipótese decorre do Princípio da Não-sinonímia, proposto por Goldberg (1995), de que “se duas construções são sintaticamente distintas, tais construções devem ser também distintas semântica ou pragmaticamente.” (p.67). Desse princípio, a autora extrai o seguinte corolário: “se duas construções são sintaticamente distintas e semanticamente sinônimas, então elas não podem ser pragmaticamente sinônimas.” (p.67)

Apoiando-se nos conceitos de Subjetividade e Intersubjetividade (LANGACKER, 1990; NUYTS, 2001; TRAUOGOTT; DASHER, [1987] 2005; VERHAGEN, 2005), Almeida (2010) interpreta as construções completivas epistêmicas como sinalizadoras de subjetividade, na medida em que indicam, direta ou indiretamente, o ponto de vista do falante, e também mais (inter)subjetivas do que suas contrapartes independentes, no caso as construções simples do tipo [SN V SN/SA/SP], como em

(3) “The film was interesting.”, tidas como mais objetivas. Assim, postula-se que a construção [SN VEpist [Ø S]], instanciada no exemplo (4) abaixo

(4) Moira Shear: *I don’t think* the image of the Latin lover...well, in some ways, it is correct because men are very passionate, women are adored, in some sense, more so than maybe by American men. (Speak Up nº 181, p.24)

tende a ocorrer em contextos em que o falante se alinha com uma perspectiva já ativada discursivamente, seja por ele mesmo, por seu interlocutor ou por ser socialmente compartilhada. A construção [SN VEpist [that S]], por sua vez, tende a ocorrer em contextos em que não há um alinhamento entre a perspectiva ativada no discurso e a assumida pelo falante, como no caso a seguir:

(5) Shimon Peres: There are many talented people, but they have to be more patient and work hard. *I don't think that leadership falls from heaven. Leadership is a matter of walking, not just of flying.* (Newsweek, 12/12/05, p.60)

Em um experimento relacionado à tradução dessas construções para o português do Brasil, partiu-se da hipótese de que as construções epistêmicas em relevo perdem sua distinção sintática, devido às especificidades da língua em questão, porém adquirem distinção lexical no preenchimento do *slot* verbal. Assume-se ainda que os efeitos discursivo-pragmáticos encontrados nos dados de língua inglesa são mantidos na língua portuguesa, na medida em que:

- (i) Construções do tipo [SN VEpist [Ø S]], instanciadas por enunciados/sentenças com o verbo “to think”, tendem a ser traduzidas por “achar que”, sinalizando alinhamento de perspectivas;
- (ii) Construções do tipo [SN VEpist [that S]], também instanciadas por enunciados com o mesmo verbo, tendem a receber a tradução “pensar que”, evidenciando um não-alinhamento de perspectivas.

3.1 Metodologia

Com o objetivo de testar tal hipótese, um conjunto de dez ocorrências compostas das construções “think Ø” e “think that”, em igual proporção, foi retirado do *corpus* de Almeida (2010), referente à pesquisa em língua inglesa, constituído de entrevistas e notícias, impressas e online. Com relação aos dados de língua portuguesa, dez ocorrências compostas pelas construções “achar que” e “pensar que”, também em igual proporção, foram retiradas de revistas e jornais de língua portuguesa do Brasil, impressos e online. Os dois conjuntos de dados foram submetidos à tradução automática através da utilização de três ferramentas de tradução eletrônica distintas: Google Tradutor, Babel Fish e Babylon.

3.2. Resultados

Os resultados, a princípio, foram inconclusivos, na medida em que a construção “achar que” foi mais utilizada pela primeira ferramenta, enquanto que a construção “pensar que” foi a mais usada pela segunda. A terceira ferramenta apresentou a mesma distribuição para as duas construções, evidenciando-se, em todos os casos, uma incongruência com os achados em dados de língua inglesa, que mostraram diferenças discursivo-pragmáticas relevantes.

Na direção português/inglês, os dados obtidos também fugiram ao esperado. A primeira ferramenta exibiu maior ocorrência da construção “think Ø”, enquanto a segunda exibiu uma distribuição bem próxima das duas construções. A terceira ferramenta apresentou comportamento diametralmente oposto à primeira, com predominância da construção “think that”. Mais uma vez, os resultados apresentaram disparidade com relação aos dados de língua inglesa analisados em etapa prévia do estudo.

Diante dos resultados pouco elucidativos da tradução automática no mapeamento das diferenças discursivo-pragmáticas no processo tradutório, partiu-se para a segunda etapa do experimento, que visava a submeter os mesmos dados à tradução humana. Delimitou-se dois grupos distintos: o primeiro, formado por três professores não-nativos de inglês/tradução e o segundo, por três falantes nativos de inglês, usuários proficientes de português. O exemplo analisado a seguir é parte de uma entrevista sobre as eleições americanas de 2008. O contexto evidencia a ativação de duas perspectivas distintas por parte do falante: a guerra do Iraque ou a economia pesará nas eleições. O interlocutor se alinha a uma dessas perspectivas:

(6) “Which of the following will weigh more heavily in the election: the economy or Iraq?”
“*I think* for most Americans the economy will weigh more heavily, because the majority of people are most concerned with that which most directly affects their lives – having good jobs, enough food on the table, enough money to care for their families.” (Speak Up nº 209, p. 14-15)

Na direção inglês/português, todos os informantes de ambos os grupos foram capazes de captar o contexto de alinhamento de perspectiva em suas traduções, utilizando-se para isso da construção “(Eu) acho que”.

Em uma segunda ocorrência, dessa vez com a construção “think that”, assumida como construção que exhibe não-alinhamento de perspectivas, temos o exemplo a seguir:

(7) Speak Up: But these stories very much go against the idea we have of the romantic Latins and the rather boring, unemotional “Anglo-Saxons” for want of a better word.

Moira Shear: I don’t think the image of the Latin lover...well, in some ways, it is correct because men are very passionate, women are adored, in some sense, more so than maybe by American men, but I think Italian men, they’re a bit more arrogant than the American man, *they think that* this romance element is not necessary, that they can successfully “conquer” a woman, so to speak, with their charm, whereas an American man has to rely on romance.(Speak Up nº 181, p.24)

No caso da tradução, um informante utilizou a construção “pensar que”, assumida como marcadora de não alinhamento de perspectivas, mas os demais se utilizaram de outras construções, de caráter assertivo mais marcado, como “ver (importância), “acreditar” ou “considerar”, que não eram esperados, mas que podem ser interpretados como sinalizadores de não-alinhamento. Dois informantes, porém, utilizaram a construção “achar que”, que não era prevista para esse tipo de contexto.

Na direção português/inglês, o experimento também produziu resultados interessantes. No exemplo abaixo, tomado como um contexto de alinhamento entre a perspectiva ativada

pelo entrevistador na pergunta sobre a relação entre a experiência e o trabalho de cineasta e a resposta do entrevistado, temos:

(8) A: Você nasceu no Chile, morou no Brasil e na Argentina e hoje vive na Itália. Essas experiências tão diversas se refletem no seu trabalho?

B: Eu sempre digo que estou muito bem quando vou a um aeroporto, porque já saí de um lugar e ainda não cheguei a outro. Estar em um aeroporto é o mais próximo à minha identidade. Mas o que me interessa do cinema é seu valor universal. E por isso fico muito contente com um filme como “Terra Vermelha”, que eu fiz sobre os índios Caiovas – que é como se fosse de outro planeta para quem está aqui em São Paulo, porque é um tema que os brasileiros não querem escutar. A minha especialidade é abrir as orelhas. Eu fiz isso na Argentina e aqui também. Acho que um cineasta contemporâneo é sobretudo um homem curioso.

<http://cinema.uol.com.br/ultnot/2012/10/31/marco-bechis-diz-que-mostra-de-sp-e-mais-gradavel-do-que-grandes-festivais.jhtm>

Na tradução desse exemplo, cinco dos seis informantes utilizaram a construção “think Ø”, conforme esperado para o contexto de alinhamento entre as perspectivas do entrevistador e de seu entrevistado. Um informante utilizou a construção “think that”, não compatível com o contexto.

Finalmente, no quarto e último exemplo analisado, a perspectiva (presumida) pelo professor sobre a visão dos alunos com relação à prova não se alinha com a perspectiva ativada discursivamente pelo mesmo professor. Vejamos:

(9) O professor de geografia Tom Carvalho, do Objetivo, disse que os testes estavam ótimos e com excelente distribuição. Para ele, foi bom porque desgastou menos os estudantes com enunciados menores e respostas mais diretas. “Os alunos sempre pensam que a prova está grande e cansativa, mas no começo era bem pior. Hoje, está uma maravilha”, completou.

<http://www1.folha.uol.com.br/educacao/1180076-primeiro-dia-do-enem-foi-completo-e-abrangente-dizem-professores.shtml> Acesso em 10/11/12

Na tradução, quatro dos seis informantes utilizaram a construção “think that”, como era esperado para o contexto em questão. Um informante utilizou a construção “complain” (“reclamar”), que tem caráter mais factivo e, portanto, mais assertivo também, evidenciando um conflito de perspectivas. Apenas um informante utilizou a construção “think Ø”.

Os dados analisados no experimento mostraram que a tradução automática, embora cada vez mais apoiada em *corpora* de textos traduzidos por tradutores humanos, falhou em mostrar as diferenças discursivo-pragmáticas evidenciadas em etapas anteriores da pesquisa.

No caso da tradução humana, os resultados se mostraram expressivos para a hipótese de que o tradutor, enquanto leitor e conceptualizador no processo tradutório, foi capaz de captar as nuances discursivo-pragmáticas exibidas pelas construções indicadas. Embora com certa variabilidade lexical no preenchimento do *slot* verbal por parte de alguns informantes, o caráter conjuntivo, isto é, de alinhamento de perspectivas, ou o caráter disjuntivo, isto é, de não-alinhamento de perspectivas, foi (re)construído pela maior parte dos participantes.

Considerações finais

Por meio de um recorte teórico, buscou-se neste trabalho traçar um breve percurso entre as principais abordagens linguísticas ao longo do século XX, polarizadas entre análises formalistas e funcionalistas, em sua interface com a teoria da tradução, identificando seus pressupostos teóricos e princípios de análise, com o intuito de identificar o lugar que o sentido recebeu nessas vertentes, e como determinados princípios, formais ou funcionais, alcançaram relevo dentro dessas abordagens.

Embora reconhecendo a existência da contraparte do uso nas análises linguísticas, as abordagens formalistas não deram a ele lugar de destaque, insistindo na polarização entre língua e uso, entre forma e conteúdo, entre linguagem e realidade extralinguística, priorizando, via de regra, a estrutura formal.

Somente com o advento de correntes linguísticas funcionalistas é que o uso da língua passou a gozar de prestígio na teorização e aplicação de princípios norteados à funcionalidade da língua. As evoluções e desdobramentos da vertente funcional possibilitaram o desenvolvimento de uma série de estudos que passaram a considerar aspectos pragmáticos, discursivos, enunciativos, sociocognitivos e, assim por diante, ampliando o escopo da análise linguística para além da forma.

Os Estudos da Tradução também percorreram caminhos antagônicos ao longo da história, permutando-se entre abordagens prescritivas e descritivas da tradução, e advogando uma visão holística para o processo tradutório, apoiado por vertentes linguísticas pós-estruturalistas que incluem na sua agenda a funcionalidade da tradução, inserida em seu contexto sócio histórico e cultural e capaz de produzir significação.

Dentro desse contexto, defendeu-se o diálogo entre a Linguística Cognitiva e os Estudos da Tradução por se entender que ambas as áreas guardam afinidades quanto à concepção de sentido como algo a ser construído contextualmente por um sujeito cognitivo, ativado por uma base conceptual a partir de um viés discursivo-pragmático, e modelado por um universo sociocultural que o cerca.

Através de conceitos de orientação cognitivista, como prototipicidade, dimensão (semântica), perspectiva (discursiva), e semântica de cenas e *frames*, cuja premissa é conceptual, procurou-se estabelecer alguns dos pontos convergentes entre os pressupostos teóricos da Linguística Cognitiva e dos Estudos da Tradução, especialmente face à abordagem holística defendida por Snell-Hornby (1995) para a área.

Nesse contexto, o conceito de perspectiva recebeu especial destaque a partir de um estudo de caso sobre a tradução de dois tipos de construções completivas epistêmicas, tidas como intersubjetivas, na direção inglês/português e na direção português/inglês. Desenvolveu-se um experimento para avaliar a capacidade do tradutor, enquanto leitor de TP (texto de partida) e autor de TT (texto traduzido), de captar e retextualizar as diferenças discursivo-pragmáticas inerentes ao uso dos dois tipos de construção na conceptualização de perspectivas distintas na interação verbal.

Os achados em tradução automática não se mostraram satisfatórios, visto que não apresentam qualquer congruência com os resultados anteriores de análise de dados exclusivamente em língua inglesa. No caso da tradução humana, porém, os resultados se mostraram expressivos para a hipótese de que o tradutor, enquanto leitor e conceptualizador

no seu processo tradutório, é capaz de captar as nuances discursivo-pragmáticas exibidas pelas construções indicadas e de reconstruí-las na língua traduzida. Embora com certa variabilidade lexical no preenchimento do *slot* verbal por parte de alguns informantes na direção inglês/português, o caráter conjuntivo, isto é, de alinhamento de perspectivas, ou o caráter disjuntivo, isto é, de não-alinhamento de perspectivas, foi (re)construído pela maior parte dos participantes. Da mesma forma, na direção português/inglês o caráter discursivo-pragmático de alinhamento ou não de perspectivas foi retextualizado pela maioria dos informantes, evidenciando, mais uma vez, o papel do tradutor como sujeito cognitivo do processo.

Os resultados mostram, dessa forma, que é possível integrar os construtos da Linguística Cognitiva aos Estudos da Tradução, em especial face à abordagem integrada da proposta por Snell-Hornby, na medida em que se busca entender o processo tradutório como um processo complexo, em que autor, tradutor e leitor interagem por meio do texto, integrando a estrutura linguística e a realidade extralinguística, em toda a dimensão que ela pode assumir.

Cognitive Linguistics and Translation Studies: Meaning construction in focus

ABSTRACT: By highlighting different linguistic approaches within the twentieth century, this work is aimed at outlining converging concepts between Cognitive Linguistics (FAUCONNIER, 1994,1997; FAUCONNIER; SWEETSER, 1996; FAUCONNIER; TURNER, 1996; LANGACKER, 1987,1990, 1991, 2008; SWEETSER, 1990, 1996; TALMY, 1988; TURNER, 1991); and Translation Studies (HOLMES, [1972] 2000; BASSNETT, [1980] 2002; SNELL-HORNBY, 1995; and TABAKOWSKA, 1996), bearing in mind the contribution of Snell-Hornby (1995) for Translation Studies in her integrated approach to the field, with some common concepts coming into view, chiefly the notion of perspective (SNELL-HORNBY, 1988, 1995; LANGACKER, 1987,1990). A case study based on an experiment designed for analyzing both machine translation and human translation is discussed in regard to the translation of a set of utterances containing epistemic complex clauses. Based on the notions of perspective and (inter)subjectivity (LANGACKER, 1990; NUYTS, 2001; TRAUOGOTT; DASHER, 2005; VERHAGEN, 2005), different choices were assumed for the two different constructions. The results were inconclusive for machine translation but showed relevant congruence with previous findings in earlier stages of the research as regards human translation.

Key words: Cognitive Linguistics; Translation Studies; meaning; Snell-Hornby's integrated approach; perspective.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Sandra. Tese de Doutorado. Subjetividade e intersubjetividade: as construções completivas epistêmicas em inglês. Rio de Janeiro, 2010 (mimeo).

BASSNETT, S. **Translation Studies**. 3rd edition. London: Routledge, [1980] 2002.

CATFORD, John Cunnison. **Uma teoria linguística da tradução**. São Paulo: Cultrix, [1965] 1980.

CHOMSKY, Noam. **Aspects of the Theory of Syntax**. Cambridge: MIT Press, 1965.

CUNHA, Angélica F. Funcionalismo. In: MARTELOTTA, M. (Org.) **Manual de Linguística**. São Paulo: Contexto, 2008.

EVEN-ZOHAR, Itamar. The Position of Translated Literature within the Literary Polysystem. *PoeticsToday*. 11:1 (1990), p. 45-51. Disponível em <<http://www.tau.ac.il/~itamarez/works/books/ez-pss1990.pdf>>, acessado em 20 nov. 2012.

FAUCONNIER, Gilles. **Mental Spaces: Aspects of Meaning Construction in Natural Language**. Cambridge: Cambridge University Press, 1994.

FAUCONNIER, Gilles. **Mappings in Thought and Language**. Cambridge: Cambridge University Press, 1997.

FAUCONNIER, Gilles; SWEETSER, Eve. **Spaces, Worlds and Grammar**. Chicago: the University of Chicago Press, 1996.

FAUCONNIER, Gilles; TURNER, M. Blending as a central process of grammar. In: Adele Goldberg, (ed.), **Conceptual structure, discourse, and language**. Stanford: Center for the study of language and information (distributed by Cambridge University Press), 1996.

FERRARI, Lílian Vieira. **Introdução à Linguística Cognitiva**. São Paulo: Contexto, 2011.

FILLMORE, C. Scenes-and-frames-semantics. In: Zampolli, A. (ed.) **Linguistic Structures Processing**. Amsterdam: N. Holland, 1977.

GEERAERTS, Dirk (ed.) **Cognitive Linguistics: Basic Readings**. Berlim: Mouton de Gruyter (The Hague), 2006.

GENTZLER, Edwin. **Teorias Contemporâneas da Tradução**. São Paulo: Madras, 2009.

GOLDBERG, A. **Constructions: A Construction Grammar Approach to Argument Structure**. Chicago: University of Chicago Press, 1995.

GOLDBERG, A. **Constructions at Work: The nature of Generalization in Language**. New York: OUP, 2006.

HERMANS, Theo. Translation Studies and a New Paradigm. In: HERMANS, Theo. **The Manipulation of Literature: Studies in Literary Translation**. London & Sydney: Croom Helm, 1985. p. 7-15.

HOLMES, J. S. The name and nature of Translation Studies. In: VENUTI, L. **The Translation Studies Reader**. New York: Routledge, 2000.

HOLZ-MÄNTTÄRI, J. **Translatorisches Handeln. Theorie und Methode**. Helsingki: Suomalainen Tiedeakatemia, 1984.

HOLZ-MÄNTTÄRI, J. Translatorisches Handeln- theoretisch fundierte Berufsprofile. In: SNELL-HORNBY, M. (ed.) **Übersetzungswissenschaft- Eine Neuorientierung**. [s.n.], 1986.

HONIG, H.G. Übersetzen zwischen Reflex und Reflexion –ein Modell der übersetzungsrelevanten Textanalyse. In: SNELL-HORNBY, M. (ed.) **Übersetzungswissenschaft- Eine Neuorientierung**. [s.n.], 1986.

HONIG, H.G.; KUSSMAUL, P. **Strategie der Übersetzung**. Ein Lehr- und Arbeitsbuch. Tübingen: Narr, 1982.

KENEDY, E; MARTELOTTA, M. E. T. A visão funcionalista da linguagem no século XX. In: CUNHA, M. A. F.; OLIVEIRA, M. R.; MARTELOTTA, M. E. T. (org.). **Linguística Funcional: teoria e prática**. Rio de Janeiro: DP&A / Faperj, 2003.

KUSSMAUL, P. Übersetzen als Entscheidungsprozeß. Die Rolle der Fehleranalyse in der Übersetzungsdidaktik. In: SNELL-HORNBY, M. (ed.) **Übersetzungswissenschaft- Eine Neuorientierung**. [s.n.], 1986.

LANGACKER, R. **Foundations of Cognitive Grammar**. v. 1: Theoretical Prerequisites. Stanford: Stanford University Press, 1987.

LANGACKER, R. **Subjectification**. In: Cognitive Linguistics 1-1, 5-38, 1990.

LANGACKER, R. **Foundations of Cognitive Grammar** v.2.Descriptive Applications. Stanford: Stanford University Press, 1991.

LANGACKER, R. **Cognitive Grammar: A Basic Introduction**. New York: Oxford University Press, 2008.

LEFEVERE, André. **Translation, Rewriting and the Manipulation of Literary Fame**. London, New York: Routledge, 1992.

MORATO, Edwiges. O interacionismo no campo linguístico. In: MUSSALIM, F. & BENTES, A. C. (Orgs.). **Introdução à Linguística: fundamentos epistemológicos**. Vol. 03. São Paulo: Cortez, 2004.

NEWMARK, Peter. **Approaches to translation**. Oxford: Pergamon Press, 1981.

NEWMARK, Peter. A textbook of translation. New York: Prentice Hall, 1988.

NIDA, Eugene. **Towards a Science of Translating**. Leiden, Brill, 1964.

NIDA, Eugene; TABER, Charles R. **The theory and practice of translation**. Leiden: E.J. Brill, 1974.

NUYTS, Jan. Subjectivity as an evidential dimension in epistemic modal expressions. In: *Journal of Pragmatics* 33, 383-400, 2001.

REISS, K. **Möglichkeiten und Grenzen der Übersetzungskritik**: Kategorien und Kriterien für eine sachgerechte Beurteilung von Übersetzungen. Munich, Hueber, 1971.

REISS, K.; VERMEER, H. J. **Grundlegende allgemeine Übersetzungstheorie**. Tübingen, Niemeyer, 1984.

ROSCH, Eleanor. Natural Categories. In: *Cognitive Psychology*, n° 4, 1973.

SAUSSURE, Ferdinand. **Curso de Linguística Geral**. São Paulo: Cultrix, [1916], 2006.

SNELL-HORNBY, Mary. **Translation Studies** –an integrated approach. Amsterdam: John Benjamins Publishing Company, 1995.

SWEETSER, Eve. **From Etymology to Pragmatics**: Metaphorical and Cultural Aspects of Semantic Structure. Cambridge: Cambridge University Press, 1990.

TABAKOWSKA, Elżbieta. Is (Cognitive) Linguistics of any Use for (Literary) Translation? In: TIRKKONEN-CONDIT, S. & JÄÄSKELÄINEN, R. (org.) **Tapping and Mapping the Processes of Translation and Interpreting**: outlooks on empirical research. III Symposium on Translation Processes. Jyväskylä, 1996.

TALMY, Leonard. Grammatical Construal: the relation of grammar to cognition. In: GEERAERTS, Dirk. (ed.) **Cognitive Linguistics: Basic Readings**. Berlin: Mouton de Gruyter (The Hague), 2006.

TOURY, G. **In search of a theory of translation**. Tel Aviv: The Porter Institute for Poetics and Semiotics, 1980.

TRAUGOTT, Elizabeth C.; DASHER, Richard B. On the historical relation between mental and speech act verbs in English and Japanese. In: Giacalone Ramat, Carruba, ad Bernini, 561-573, 1987.

TRAUGOTT, Elizabeth. **Regularity in Semantic Change**. Cambridge: Cambridge University Press, 2005

TURNER, Mark. **Reading Minds: The Study of English in the Age of Cognitive Science.** Princeton: Princeton University Press, 1991.

VÁZQUEZ-AYORA, Gerardo. **Introducción a la traductología.** Washington: Georgetown University Press, 1977.

VERHAGEN, Arie. **Constructions of Intersubjectivity: Discourse, Syntax and Cognition.** New York: Oxford University Press, 2005.

VINAY, J. P. & DARBELNET, J. **Stylistique compare du français et de l'anglais.** Paris: Didier, [1958] 1977.

Data de envio: 26/05/2014
Data de aceite: 12/03/2015
Data de publicação: 23/04/2015